

cutiu no Ministério e a autoridade de Sampaio Ferraz foi mantida. O *País* foi vendido a Francisco de Paula Mairinque. A *Tribuna* excedia-se em sua linguagem, entretanto. Eduardo Prado escrevia que Deodoro era uma nulidade, ambicioso e prepotente: “Agora, em tempo de paz, de figos e de vacas gordas, é que é generalíssimo”. Ia além, insultando a associação de classe dos oficiais: “O clube presidido pelo sr. Deodoro não teria sido permitido em nenhum país culto”. A 29 de novembro de 1890, o jornal foi depredado.

O protesto da imprensa foi imediato e total: o documento em que ficou registrado é dos mais eloqüentes exemplos do grau de desenvolvimento da imprensa brasileira; assinavam-no praticamente os representantes da totalidade dos órgãos editados no Rio de Janeiro, independente de partido e de orientação. Dizia: “A imprensa fluminense, representada nos jornais abaixo declarados, reunida, hoje, na sala de redação do *Jornal do Comércio*, para tomar conhecimento das medidas empregadas pelo governo, para assegurar e manter a liberdade de exame e de discussão, gravemente comprometida pelo assalto feito à *Tribuna* e pelas ameaças de que têm sido alvo outros jornais, resolve declarar: 1º — que não satisfaz a declaração, hoje publicada pelo *Diário Oficial*, por ser dúbia e frouxa; 2º — que espera sejam punidos, na forma das leis, os culpados do assalto, de que foi vítima a *Tribuna*, apontados pelo inquérito a que se está procedendo; 3º — que está resolvida, caso tal punição não se dê, ou não desapareça a falta de segurança em que se acha, a empregar todos os meios, dentro de suas funções, para assegurá-la, mesmo a suspender coletivamente a publicação dos jornais. Rio de Janeiro, 2 de dezembro de 1890. *Jornal do Comércio* — *Gazeta de Notícias* — *Gazeta da Tarde* — *Diário de Notícias* — *O País* — *Diário do Comércio* — *Cidade do Rio* — *Novidades* — *Correio do Povo* — *Democracia* — *Revista dos Estados Unidos* — *La Voce del Popolo* — *Mequetrefe* — *La Patria* — *Revista Ilustrada* — *Apóstolo* — *Sportman*<sup>(173)</sup>.

(173) Os liberais preparavam o congresso do partido, previsto para maio de 1889, e começaram por lançar, em dezembro de 1888, a *Tribuna Liberal*, com oficinas à rua Nova do Ouvidor. Aquele congresso levantaria o programa liberal, incluindo o voto secreto, o eleitorado à base da alfabetização e não da renda, a reforma da administração provincial, o direito de reunião, o casamento civil obrigatório, a liberdade de cultos, a temporariedade do Senado, a reforma do Conselho de Estado, a reforma do ensino; Rui e mais dezoito congressistas levantariam mesmo a idéia da federação. Era programa característico da ascensão burguesa, que a República efetivaria. Com o novo regime, o jornal tornou-se oposicionista: a 28 de novembro de 1889, alardeava já que sua circulação triplicara desde o dia 15; a 1º de dezembro, proclamaria uma tiragem de 22 500 exemplares. A pressão contra a imprensa monarquista motivou o protesto do Apostolado Positivista do Brasil, nos *a pedidos do Jornal do Comércio*, de 26 de dezembro de 1889, assinado por Miguel Lemos. Fechada a *Tribuna Liberal*, Antônio de Medeiros, seu diretor-proprietário, tirou a *Tribuna*, que começou a circular a 1º de julho e foi empastelada a 29 de novembro de 1890. A morte do re-